

Comunicação, filosofia e linguagem

Rosane da Conceição Pereira¹

HACKING, Ian. *Por que a linguagem interessa à filosofia?* São Paulo : UNESP, 1999.

Ian Hacking trabalha no *Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences*, em *Stanford*, na Califórnia. É autor de livros como *The Logic of Statistical Inference* (CUP, 1965), *The Emergence of Probability* (CUP, 1975), *Representing and Intervening* (CUP, 1983), *The Taming of Chance* (CUP, 1990) e *The Social Construction of What?* (Harvard, CUP, 1999).

Por que a linguagem interessa à filosofia?, livro proveniente de uma série de palestras ministradas pelo professor Ian Hacking na Universidade de Cambridge, fornece alguns exemplos de casos da história da filosofia em que algumas questões relativas à linguagem vêm adquirindo importância cada vez maior. Trata-se de um panorama de questões da teoria do significado relacionadas ao desenvolvimento filosófico neste século, conforme Thomas Hobbes, o bispo Berkeley, Bertrand Russell, A. J. Ayer, Ludwig Wittgenstein, Noam Chomsky, Paul Feyerabend, Donald Davidson, Norman Malcolm, Michel Foucault e outros. O autor fornece então uma amostra do que chama “Grandes Problemas” tradicionais da filosofia da linguagem: “verdade, realidade, existência, lógica, conhecimento, necessidade, sonhos, idéias”.

Os estudos de caso tratados por Hacking, que explicam por que a linguagem interessa à filosofia, constituem as três partes de seu livro. A primeira parte, “O apogeu das idéias”, contém capítulos sobre as perspectivas de Hobbes, da escola de *Port Royal*, de Berkeley e da teoria do significado, acerca da relação linguagem-filosofia. Por sua vez, a segunda parte, “O apogeu dos significados”, contempla estudos de Chomsky, Russell, Wittgenstein, Ayer e Malcolm. Enquanto na última parte, “O apogeu das sentenças”, estão presentes as análises de Feyerabend e Davidson, bem como um capítulo conclusivo que resume os três casos precedentes, a partir dos quais a linguagem é pensada por Hacking como elemento fundamental de uma “teoria aplicada do significado” e não de uma teoria pura, a qual dependeria apenas de boas definições na

¹ **Rosane da Conceição Pereira** é mestre em Comunicação Social pelo Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação, no Instituto de Arte e Comunicação Social, da Universidade Federal Fluminense – IACS/UFF.

mente de cada um (linguagem privada) ou do problema de tornar explícitas para outras pessoas tais distinções concebidas (linguagem pública). Grosso modo, para o autor, nossas sentenças exprimem idéias que significam de modos diferentes, conforme um uso, a aplicação que lhes damos; uma vez que não podemos admitir a hipótese da compreensão absoluta da mente e da linguagem alheia, tampouco de nossa parte.

Assim, “O apogeu das idéias”, no século XVII, diria respeito ao objeto da filosofia da linguagem, caracterizado por um elo entre o *ego* cartesiano e a realidade exterior. Dessa maneira, as relações entre idéias, na forma de “discurso mental” (Hobbes), formariam representações do mundo, efeitos de mudanças na reflexão do *ego* e na experiência (John Locke e Berkeley). Em outras palavras, as idéias da realidade seriam o resultado da ação da experiência no *ego* e, simultaneamente, causariam nossa experiência. Além disso, segundo Hacking, durante esse primeiro apogeu, não se pode considerar qualquer preocupação relevante com os significados, em termos *fregeanos* (*Sinn*), ou seja, no que se refere aos “pensamentos humanos transmitidos de geração para geração” (significados públicos). Existiriam apenas teorias errôneas ou limitadas sobre os significados e nos séculos posteriores é que a “gramática geral do discurso mental” seria substituída por aquela de um “discurso público”. Somente na discussão atual esse discurso público intermediário (dos significados), contra o mentalismo inicial (das idéias), é analisado na forma de “sentenças”. Estas, além de meros artefatos, constituem o “sujeito cognoscente”, representando a realidade de outro corpo de conhecimento, novo campo de saber.

Hacking afirma que “O apogeu dos significados” é recente, uma vez que pode ser considerado a partir dos estudos de Gottlob Frege, assim como o apogeu anterior teria como marco importante a escola de *Port Royal*. De acordo com Hacking, Frege ultrapassaria seus antecessores, os filósofos analíticos anglo-americanos, ao considerar que os significados compreendidos por meio das sentenças são “os verdadeiros portadores de crença e conhecimento”. Seguindo Frege, o autor afirma que a teoria dos significados torna possível a teoria do discurso público. Entretanto, Hacking e Russell concordariam que a linguagem analítica, por exemplo, tem importância para a codificação sem, contudo, ser determinada exclusivamente por uma teoria do significado ou uma gramática. Mas, enquanto Hacking estuda a correspondência entre os significados e o mundo, Russell teria colocado a gramática no lugar dos significados. Tal fator afasta este último da nova filosofia lingüística, cujos defensores

postulam que a condição da comunicação é não haver linguagem essencialmente privativa de um único falante nem unânime sempre.

Em relação à divergência entre Russell e a nova filosofia lingüística, Hacking afirma que “a comunicação ocorre porque não queremos dizer as mesmas coisas com nossas palavras”. Por sua vez, sobre a questão da importância do uso da linguagem no mundo, em detrimento da simples correção de conceitos filosóficos pela discriminação de significados, ele recorre a autores como Wittgenstein, Ayer e Malcolm. Para Hacking, os dois últimos preocupavam-se em especificar os significados das palavras usadas por eles e tal procedimento serviu para estabelecer critérios de significação em seus sistemas de pensamento, a fim de determinar “o que pode ser verdadeiro no mundo”. Contudo, segundo o autor, não seria propriamente isso o que Wittgenstein pretendia quando se perguntava pelo uso das palavras, tentando escapar de um idealismo filosófico ou de um “lingualismo” estéril. Este parecia estar às voltas com uma percepção menos totalizadora da linguagem, marcada sobretudo pela defesa do princípio verificacionista, ou mais complexa, fundamentada principalmente nos limites entre a linguagem e o mundo referido ou produzido.

“O apogeu das sentenças” tem início com o fracasso do princípio verificacionista, o “critério empirista do significado”, e com as freqüentes dúvidas sobre a precisão dos significados, o “problema da variação do significado”. C. G. Hempel, por exemplo, acreditava na tradução de significados para uma linguagem “empiricamente pura”, embora considerasse o ato de traduzir como algo nem sempre claro ou fácil. Outros exemplos são destacados por Hacking acerca da passagem para esse último apogeu. É o caso da disputa entre Malcolm e Putnam quanto ao problema sobre os sonhos. Assim, Malcolm declarou que os significados mudam quando sonhamos e estamos despertos para conferir a eles “novos critérios” de sentido, “outros modos de percebê-los”. Enquanto Putnam defendeu a imutabilidade dos significados oníricos e, por outro lado, que apenas descobrimos “mais sobre eles”.

Hacking considera que W. V. O. Quine, “o mais notável crítico dos significados”, inicia suas investigações com base na natureza da verdade matemática e não em uma teoria pura dos significados. Mais uma vez, Hacking exemplifica tal argumento referindo-se a teses de autores, como Frege e Wittgenstein, e daqueles pertencentes ao Círculo de Viena. Para Frege, então, a aritmética é dedutível de definições e leis gerais da lógica, ou seja, é analítica. As leis da lógica seriam subprodutos degenerados das nossas notações, de acordo com Wittgenstein. Mas, uma

espécie de aliança entre essas duas correntes de pensamento somente é atribuída ao Círculo de Viena. Conforme esta escola, a verdade matemática é “verdadeira por convenção”, ou seja, é efeito de fatos sobre a linguagem. Enquanto Quine, por sua vez, acabou demolindo as noções de analiticidade e verdade por convenção. Para tanto, realizou uma crítica mais geral dos significados que incluía uma teoria da indeterminação da tradução.

Segundo Quine, “o conhecimento é um tecido de sentenças”, ou seja, a comunicação ocorre sob inter-relações de sentenças, malgrado as homônimas, o “embuste” ou confusão de significados. Nesse sentido, Hacking faz ainda uma associação entre Quine e Feyerabend, respeitando a especificidade de ambos, uma vez que o primeiro partiu do Círculo de Viena para elaborar sua crítica e o segundo, da escola de mecânica quântica de Copenhague. Para Hacking, ambos se oporiam à metodologia positivista mas acabam recaindo em um certo positivismo. Eles concordariam em afirmar que a experiência determina as ações e as sentenças do observador, adornadas por significados. Hacking afirma que são as sentenças, não os “enunciados observacionais” do experimentador, que decidem a escolha entre teorias. Por exemplo, ao contrário de Quine, Feyerabend diz que a tradução é algo difícil, a ponto de antes ser preciso dominar uma teoria que tentar traduzi-la. De acordo com Hacking, o equilíbrio entre essas duas perspectivas é obtido por Davidson. Ele retoma o significado e propõe uma teoria da tradução em uma teoria da verdade. Entretanto, Davidson nunca se perguntaria pelos significados das sentenças, mas pelas condições de verdade destas.

Contudo, Hacking alerta que “não se pode confiantemente anunciar a morte do significado”, uma vez que este pode ser retomado por estudos atuais fundamentados em Wittgenstein, Frege (por Michael Dummett) e Quine. Ainda segundo Hacking, H. P. Grice realiza investigações que perpassam ainda a questão do significado, embora de uma maneira particular e um tanto behaviorista, ou diversa daquela dos estudiosos do “apogeu dos significados”. No “apogeu das sentenças”, Grice relata que a ação explica o significado de uma sentença e que esta nunca é suprema. Assim, o discurso público seria explicado pelas intenções dos falantes e as crenças dos ouvintes, não sendo o portador exclusivo da comunicação.

Hacking retorna ao “apogeu das sentenças”, permeado por críticas positivas e negativas ao significado, e afirma que “o próprio conhecimento tornou-se sentencial”. Mas, isso não remete à supremacia da sentença. Conforme Hacking, seria preciso

escapar de duas perspectivas extremas, o idealismo e o lingualismo. Para os defensores do idealismo toda realidade é ideal (Berkeley), ou seja, até mesmo os existentes que não somos capazes de perceber, como um Saci ou a nossa nuca, tornam presente a nós uma idéia que podemos “perceber”. Algo seria real somente porque entrou no processo de comunicação. Enquanto para os simpatizantes do lingualismo, apenas as sentenças são reais, como se elas também não fossem passíveis de construção ou interpretação e tampouco de mudança.

Quanto à passagem do apogeu das idéias ao das sentenças, Hacking diz ainda que P. F. Strawson, assim como Quine, outros individualistas e filósofos burgueses do século XVII, compartilham de um certo anacronismo em relação ao tecido das sentenças. Para eles, o “nosso” conhecimento, expresso em sentenças, é possuído por “indivíduos” que não o dominam totalmente, ou seja, ele é propriedade de corporações ou correntes de pensamento, essencialmente público embora iniciado no âmbito privado. Nesse sentido, Hacking salienta que tal anacronismo pode conduzir à desconsideração do “sujeito cognoscente”, até então, como elemento central em termos de conhecimento objetivo. Segundo ele, Karl Popper é um dos filósofos contemporâneos que realiza tal empreendimento. Popper, em sua “Epistemologia sem um sujeito cognoscente”, considera que o conhecimento objetivo nada mais é que um entrelaçamento de sentenças. De maneira que o “mundo físico” (dos produtos corporativos da humanidade) interage com o “mundo dos conteúdos lógicos” (de livros, bibliotecas, memórias de computador, etc.), o qual seria autônomo em relação ao “mundo de nossas experiências conscientes”. Por ser o mundo intermediário das impressões do sujeito (confusas, imprecisas e mutáveis) e, portanto, o que inviabiliza toda objetivação, esse último “mundo” seria progressivamente descartado como fonte do conhecimento.

Mas, Hacking assinala algumas semelhanças entre o apogeu das idéias e o das sentenças. Ele considera, por exemplo, que as “idéias” em Espinosa e as “sentenças” em Popper são a interface entre o conhecido e o conhecedor, ou antes a própria natureza do conhecimento. Além disso, se o primeiro confere autonomia às idéias, o segundo o faz para com as sentenças. Contudo, o autor não deixa de salientar que Popper discorda da tese hackingiana referente à mudança do próprio modo de conhecer. Segundo Popper, muitos filósofos “ignoram conscientemente” o mundo da sentença ou dos conteúdos lógicos que partilham, apenas partindo dele. Em outros termos, uma transformação no conhecimento seria apenas uma mudança de grau. Contrariando

Popper, Hacking afirma que nem sempre existiram “livros, bibliotecas e memórias de computador”, as expressões do conhecimento objetivo atual, do mundo dos conteúdos lógicos. Filósofos antigos, como Aristóteles, tinham seus ensinamentos apropriados por alunos ou narrados, no período da oralidade, anterior à difusão da escrita, a qual não dissolveu perdas e danos ao conhecimento dito objetivo. Nesse sentido, Hacking concorda com estudiosos da tecnologia da comunicação, como Marshall McLuhan. Ele teria relacionado bem a invenção da imprensa e do computador, respectivamente, à alteração dos rumos da Revolução Científica do século XVII e da instância da sentença, na passagem da “Galáxia de Gutenberg”, com a imprensa, para a “Aldeia Global”, com a informatização do saber.

Hacking conclui sua tese, a defesa de um “conhecimento autônomo essencialmente sentencial”, com a proposta de uma investigação das transformações no tecido das sentenças. Segundo ele, algo já iniciado por L. Althusser e Michel Foucault, quando este considera discursos “anônimos” em diversas épocas e lugares, singulares pelo “que é de fato dito”, constituído com e sem as instituições sociais, jamais pelo “que eles querem dizer”, supostamente oferecer a interpretações de fato construídas. As condições de possibilidade de um discurso seriam aquelas do dizer, de suas sentenças. Tais condições participariam do discurso presente, por exemplo, cuja proveniência não é exclusiva de um sujeito onisciente e onipotente, nem é efeito privilegiado de um conhecimento absoluto, totalizador. As sentenças de um discurso não seriam então o mero instrumento para comunicarmos, compartilharmos experiências.

Com base no que denominou apogeu das idéias, dos significados e das sentenças, Hacking explana porque a linguagem vem interessando à filosofia. O mero estudo de uma “interface entre o conhecedor e o conhecido” parece ceder. Ao invés de partirmos do par sujeito e objeto de conhecimento teríamos pela frente a constituição do conhecimento humano, sobretudo do ponto de vista da implicação de sentenças em discursos.